

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

O HOMEM À PROCURA DO SER

ELIZANGELA BLECHA BARROS

não

BIBLIOTECA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT	
RG N°	7482
Data	06 / 11 / 02

Bx 1
C 92569505

82.09
B 9222h

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

O HOMEM À PROCURA DO SER

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes
e Lacerda como requisito final para a
obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profª Ms Madalena Machado

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

DEDICATÓRIA

À minha família pelo amor e dedicação;
Aos amigos pelos bons conselhos e
incentivo.

E também a dois amigos muito
especiais: D & D.

AGRADECIMENTOS

A todos os amigos que de alguma forma estiveram juntos comigo nesta caminhada;

À minha orientadora prof^ª Ms Madalena A. Machado pela dedicação profissional, empréstimo de material didático; também aos seus pais e ao Biel pela amizade iniciada neste semestre.

Em especial, às Amigas Adventistas que estiveram sempre prontas a ajudar-me, quando necessário e a todos que oraram por nós.

“O tetrapharmakon (os quatro remédios) de Epicuro [filósofo grego] consistia em ensinar que:

- não há o que temer dos deuses;
- não há nada a temer quanto à morte;
- pode-se suportar a dor;
- pode-se alcançar a felicidade.”

Epicuro

SUMÁRIO

Capítulo	Página
I. APRESENTAÇÃO.....	07
II. INTRODUÇÃO.....	09
III. PERSONAGEM, UMA INQUIETAÇÃO.....	16
IV. ROMANCE CONTEMPORÂNEO.....	21
V. O HOMEM À PROCURA DO SER.....	25
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

APRESENTAÇÃO

Esse trabalho monográfico tem como objetivo analisar algumas das inquietações do ser das personagens – narradores: Jerombal Thauutes – da obra *Último Horizonte*, escrita em 1986 e de Frutuoso Celidônio – da obra *Cerimônias do Esquecimento*, (1995), ambas do autor mato-grossense, nascido na cidade de Chapada dos Guimarães: Ricardo Guilherme Dicke, jornalista, pintor, Mestre em filosofia, professor universitário; ganhou vários prêmios por seus trabalhos, como afirma Afrânio Coutinho em *Enciclopédia da Literatura Brasileira*; é considerado como um eminente romancista brasileiro e foi elogiado até por Guimarães Rosa.

Partindo do enfoque: o homem em busca do sentido da vida (tema escolhido para análise dos narradores, citados) teremos como sustentação teórica, vários textos: *A Personagem* – de Beth Brait, *A Personagem de Ficção* – de Antonio Candido (entre outros), *Ser e Tempo* – de Martin Heidegger – filósofo alemão que analisa o “ser enquanto ser”, com base no Existencialismo; percebemos como este age na sociedade, e em relação a si mesmo expresso no monólogo interior, da literatura contemporânea, comportamentos presentes nas obras a serem analisadas.

Os romances de Ricardo Guilherme Dicke foram escritos recentemente e pertencem ao período literário: pós-modernista; um período conturbado por contemplar vários fatores como é o caso da procura pela verdade do ser, da política, da falta de relações sociais, mistura de gêneros, o homem imerso no anonimato, algo que Jerombal Thauutes busca com todas as forças fugir, por meio do ato de ligar o rádio, procurar ouvir música e não encontrar.

Não só os personagens com suas inquietações serão o foco de análise, mas também serão estudados alguns elementos estéticos – que delineiam estas obras – entre eles o de maior ênfase é a “morte”, algo que causa inquietação não só nos narradores dos romances mas em todos os homens.

INTRODUÇÃO

Nas obras *Último Horizonte* (1986), e *Cerimônias do Esquecimento* (1995), Jerombal Thauutes e Frutuoso Celidônio, respectivamente são personagens protagonistas conforme vemos na obra *A Personagem* de Beth Brait pois, é a personagem principal; aquela que ganha primeiro plano na narrativa (BRAIT, 2000, p.89), são os narradores nos quais vemos a angústia do homem à procura do ser. Ainda dentro da obra de Brait, vemos o elemento “angústia”, como o “oponente na obra; porque é a força antagonista, obstáculo que tenta impedir a força temática de se deslocar possibilitando o conflito” (BRAIT, 2000, p.89), pois os mesmos sentem-se sós e essa solidão interior é que os colocam abatidos e tristes, com medo da morte, algo que eles buscam fugir; vivem atormentados interiormente, numa suposta, “noite da predestinação”, (que julgam ser a última de suas vidas). Na noite que cada um vive, observamos que estão em espaços e ambientes distintos, na companhia de pessoas diferentes como é o caso de Jerombal Thauutes que está em casa, e a família dorme. Frutuoso Celidônio está num bar com amigos, acordados, ou seja, o narrador pode conversar, cantar e tentar tirar dúvidas relacionadas às suas inquietações e o outro não, nem mesmo da festa dos von Krebs ele pode perguntar a data em que ocorreu, porque não pode interromper o sono da sua família, com uma pergunta que naquele momento não teria nenhuma importância para a mesma.

Porém, apesar do ambiente e companhia, dos narradores serem diferentes nas obras, há uma semelhança entre a noite de cada um, pois, notamos que a angústia é a mesma, porque ambos tem medo de morrer, algo em comum nos homens, pois cada ser humano quer viver e conhecer ainda mais as alegrias da vida (seja por meio da

sabedoria dos livros tal qual Jerombal, ou por meio da sabedoria popular como escolheu Frutuoso Celidônio) têm medo do desconhecido, aqui representada pela “morte” como pode ser percebido, nos seguintes trechos: “(...) aonde vamos (...) enquanto mortos (...)” (DICKE, 1995, p.144) “(...) aqui é a morte, que desejas? (...) estava sem chão (...)” (DICKE, 1986, p.107).

Para dar maior ênfase a essa angústia do homem à procura do ser, o autor descreve suas personagens (narradores) como homens comuns, perdidos talvez até tropeçando em suas próprias inquietações dentro de um elemento importantíssimo, que provoca nos homens a reflexão em meio ao medo: a noite, esse elemento sem dúvida, é algo que faz das obras em análise – textos extraordinários (e inquietantes), conseguindo provocar no leitor questionamentos que talvez nunca tivesse feito, ou seja, praticar a leitura com certa desconfiança devido às interrogações lançadas pelo autor, por meio das personagens – narradores que estão angustiados e sentem-se presos numa noite (da predestinação) e deixam transparecer que almejam – desde o mais profundo do ser – verem o final dela o mais rápido possível como podemos notar por meio da citação a seguir: “As estrelas são segredos de nossas almas” (DICKE, 1995, p.265), outro ponto que percebemos com essa mesma citação, é que nestas noites, cada personagem tem seus segredos guardados no íntimo do ser e estes são comparados às estrelas – elemento que é parte integrante da “noite”. Na sequência encontraremos a denominação e confirmação da noite que os narradores estão tratando, partindo da fala de Frutuoso Celidônio: “- Hoje é a noite da predestinação... disse este é o cigano” (DICKE, 1995, p.169), ou seja, se observarmos as citações retiradas da obra *Último Horizonte* relacionadas às inquietações do ser de sua personagem principal, Jerombal Thauutes e as citações relacionadas às inquietações do ser da personagem Frutuoso Celidônio perguntamos

sobre o que há após o desconhecido (morte), temos medo desse elemento e conseqüentemente tememos ser “esquecidos” e não concordamos com o que todos devem passar, como pode ser comprovado na fala de Jerombal Thauutes quando ouve a voz da morte, fica atônito e diz: “(...) estava sem chão (...)”. Assim, percebemos que o autor constrói uma narrativa cheia de efeitos, delineando a obra, prendendo a atenção do leitor, que passa a buscar como cada narrador, a resposta para as inquietações, colocando-se por alguns instantes no lugar dos narradores passando assim, a analisar a si mesmo e por momentos encontrando respostas segundo aquilo que conhece, mas o certo mesmo é que na maioria das vezes o leitor angustia-se com os narradores, característica comum da literatura contemporânea.

A obra *Último horizonte* (1986) de Ricardo Guilherme Dicke é uma história que começa à meia-noite; é uma noite de insônia para o narrador Jerombal, oriundo de São Paulo, de sobrenome alemão, que estudou por doze anos no Rio de Janeiro, homem culto - de 47 anos apreciador da leitura - mora numa casa com a esposa, de 50 anos, sua filha de 07 anos e a sogra - a Abuela de 70 anos.

Durante esta noite, o narrador lê vários trechos de obras, que são citadas no decorrer da narrativa (pois está na biblioteca de sua casa) em meio a estas citações, Jerombal vive em seu pensamento um romance exótico com Kabira - a poeta, doutora em Física e Matemática de sobrenome espanhol, que conheceu na festa de Daniele - a filha da sobrinha de sua mulher.

Na biblioteca, solitário, o narrador lembra-se que sentia-se mais solitário ainda, antes de conhecer Kabira na festa de Daniele, porque vivia à procura de alguém para conversarem sobre assuntos que gostava e achava interessante, mas não encontrou até conhecer a poeta e ainda mais, sentia-se entediado com a própria

angústia conforme citação: “nesta cidade inteira nunca descobri ninguém com que pudesse conversar sobre temas que gosto (...)” (DICKE, 1986, p. 8)

São muitas as inquietações de Jerombal, porém quando lembra-se da conversa mantida com Kabira tem um alívio, mas ao mesmo tempo a lembrança de que por um momento, a doutora lhe contou um fato que o deixou assustado.

Ainda tratando da solidão na noite, o narrador busca conversar com alguém, entretanto, estão todos dormindo, vai ao quarto, observa o sono das três gerações (três mulheres de sua casa), fazendo comparação entre elas, aproveita para pegar um rádio que está no quarto e volta à biblioteca, liga-o, procura ouvir música, mas não encontra nenhuma estação que toque música naquele horário, então tem um pensamento vazio, imagina os donos ou diretores de rádio pactuados com as forças do mal, porque só encontra política.

Em meio à noite, Jerombal ainda trabalha com a simbologia do número três, com o fator tempo: passado, presente e futuro; ainda com: o medo, a morte e o silêncio; com três animais: o gato (Tebas), a cobra (serpente em que ele transfigura-se, em pensamento no meio da noite e passeia pelo corpo de abuela), e o corvo (que vive a dizer: “never more” –nunca mais, tal qual na obra de Alan Poe).

O narrador faz alusão a uma suposta “Noite da Predestinação” ao ler o livro de um amigo (que conheceu no Rio de Janeiro), depara-se com uma fala intrigante, cercado pelo medo e pela certeza de que aquela noite infinita na qual vivia e era a última de sua vida: “(...) eu sabia que era a minha última noite (...)” (DICKE, 1986, p.50) ao ler o livro do amigo e depois de Kabira, (escrito antes de conhecerem-se) cita a conversa entre eles na festa de Daniele, na casa dos von Krebs. No livro de Kabira encontramos a seguinte citação que vem confirmar o pensamento de Jerombal: “(...) para morrer hoje. A minha última noite (...)” (DICKE, 1968, p.55).

Outro momento provoca no narrador uma angústia ainda maior, é quando ele olha o relógio do abuelo e vê a noite ainda longe de terminar. Ele ouvia Collete Thomaz, a locutora francesa e a frase “never more”. Assustado, Jerombal resolve ligar para lugares diferentes para saber o seu tarô do dia e ouve três vozes: “(...) aqui é a morte, que desejas? (...) Aqui é a voz do amor, (...) Aqui é a imortalidade (...) estava sem chão (...) que faria eu nesta noite imensa?” (DICKE, 1986, p.107). Mas acalma-se um pouco quando vai ao quarto e observa que o sono das três mulheres da casa está tranqüilo, harmonioso.

Conforme a noite vai chegando ao final, o narrador avisa que a obra está chegando ao fim e o sono dele só chega quando já está amanhecendo, porém ele é organizado e só vai dormir depois de guardar em seu lugar todos os objetos que usou durante a noite e é claro, depois de dar nome a esse livro: *Último Horizonte*.

A história da obra *Cerimônias do Esquecimento* (1995), passa-se numa noite. Porém tem seu início numa tarde em que o professor Frutuoso Celidônio – narrador da história, foi padrinho de casamento da filha de Anelinho Abas e ao que percebe-se, foi um padrinho ilustre, pelo fato do casamento ser de gente pobre (apesar do professor estar desempregado), mas como rege a tradição “um nome é sempre um nome”.

Mesmo o casamento sendo de gente pobre, o professor Frutuoso Celidônio fica observando o movimento durante a festa e questionando-se: “__ As caras borrosas das pessoas naquele casamento, figuras passando com pratos de comida, vultos, e sombras se movendo, as cervejas correndo a rodo, de onde os pobres quando fazem casamento tiram tanto dinheiro?” (DICKE, 1995, p.9).

Após o casamento, o professor e o pai da noiva (que estava com os olhos em lágrimas pelo casamento de sua filha) foram para um bar chamado “Portal do Céu” e

lá encontraram muitas pessoas como: Rosaura (prostituta dona do bar), os dois cegos: (cantores e tocadores de rabeca), João Valadar (o ferreiro), Isabel (que tinha olhos grandes), Manuel dos Velhos, Manuel das Velhas, Johannes von Lippe (o Príncipe) e Catrumano.

Nesse bar, cada uma das personagens contava uma história e o tema central destas é: “A noite da predestinação”. O primeiro dos discursos do bar é o de Rosaura – a dona do bar que após fazer um show rotineiro, comenta sobre a hipocrisia dos homens e do capitalismo. Entre esse e outros fatos, ocorridos durante a noite há três momentos que merecem relatos especiais:

É o caso do momento em que Catrumano (personagem que compunha os integrantes do bar Portal do Céu) caminha até em baixo da ponte do Rio Coxipó, encontra um menino pescando, conversa com o mesmo, ganha um jornal do novo amigo (o qual serviria para embrulhar os peixes pescados pelo menino pescador), lê o jornal e fica assustado com as notícias proféticas e amedrontadoras que um simples pedaço de papel apresentara-lhe, fica mais temeroso quando percebe que essas notícias são as mesmas já comentadas no bar. Encontramos ainda na leitura, agora na página 273, os outros dois registros: o primeiro é que; ao que pode-se perceber, apresenta-nos a idade do narrador, ou seja, esse parece ter 28 anos: “Sei que se passaram 28 anos (...) muita coisa são 28 anos (...) Que contém esse tempo de 28 anos?”, ao observarmos a citação encontramos uma resposta óbvia: sabemos que uma pessoa com essa idade, já tem a personalidade formada. E por esse motivo podemos notar que o narrador (pessoa adulta) estava temeroso também, por causa das notícias que ficara sabendo, nas conversas do bar e nas enseadas do tempo, em meio a uma e outra história, o narrador receoso fala do tempo em que vivem (1983), da nova era e do novo tempo (2011) que apresentará mudanças de um novo tempo,

que transforma conceitos e muda o que já está posto e aceito pela sociedade, mudanças estas, das quais Frutuoso Celidônio parece ter medo sem saber explicar direito o porquê desse medo enorme que sente do futuro e das datas proféticas que há de passar; deparamos aqui com o terceiro registro (das histórias contadas no bar) proposto acima.

Os fatos ocorridos são justamente as histórias contadas pelas personagens de *Cerimônias do Esquecimento*, e que são recontadas no decorrer da narrativa até mesmo para se poder lembrar de quem são, porque em meio à história esquecem-se de quem são e de toda a história de suas vidas.

PERSONAGEM, UMA INQUIETAÇÃO

A literatura após o ano de 1945 é classificada por muitos teóricos enquanto pós-moderna; eclodiu e expandiu-se por todo o Brasil, tendo como força de expressão: a linguagem, o homem e o meio. Comparado a outros períodos é uma expressão radical que conseguiu atrair grandes autores como: Clarice Lispector, Guimarães Rosa, dentre outros autores que integram este estilo literário, está o mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke, escritor contemporâneo, o qual escreveu as duas obras em estudo: *Último Horizonte* – 1986 e *Cerimônias do Esquecimento* – 1995, romances brasileiros, que trazem consigo uma especulação sobre o ser. A obra de Martin Heidegger que nos auxiliará como fundamentação teórica e principal dentre outras teorias a serem encontradas neste trabalho monográfico é *Ser e Tempo* (1927), é dividida em duas partes, conforme Marilena Chauí no estudo introdutório da coleção *Os Pensadores*: “A análise inautêntica – realizada na primeira seção de *Ser e Tempo* – constitui a parte negativa da escalada para a descoberta heideggeriana do ser. Para encaminhar-se na direção do ser seria necessário desvendar a existência autêntica do homem, aquela que o faz o verdadeiro revelador do ser. Esse é o objetivo da Segunda seção da obra, que tem seu núcleo do conceito de angústia” (CHAUI, 2000, p.8).

Por meio da literatura de Dicke, percebemos um escritor que busca renovação como pode ser interpretado pelo estilo literário em que se encaixa e está vivendo. Além do movimento literário, a linguagem, a procura da existência autêntica em seus romances, confirmam este pensamento:

“A essência humana é ser livre da dependência das vontades alheias, e a liberdade existente como

exercício da posse. A sociedade torna-se uma poção de indivíduos livres e iguais (...) pensamento liberal daí em diante: o individualismo, a garantia da propriedade e a preservação da paz e segurança indispensáveis para os negócios.” (ARRUDA, 1995, p.243).

Como força propulsora na literatura do mato-grossense está a personagem, símbolo do homem nestes tempos conturbados. Segundo Beth Brait, o “condutor da ação é o personagem que dá o primeiro impulso à ação; é o que representa a força temática: que pode nascer de um desejo, de uma necessidade ou de uma carência; (BRAIT, 2000, p.49) ao ler as obras de Dicke, o leitor vai conhecendo as personagens principais também narradores da obra e, conforme vai prosseguindo na leitura do texto “sem se dar conta disso, o leitor se instala na cela ao lado da personagem e, como observador de um parto doloroso, vai assistindo a seu nascimento, seu despertar para uma realidade impalpável, sua dolorosa conquista da consciência.” (BRAIT, 1999, 54 e 55). Assim, o leitor observa e sofre junto com as personagens em análise nas obras de Ricardo Guilherme Dicke, angustia-se com os mesmos e até faz uma revisão dos próprios valores do ser, interagindo-se com os narradores e autor num movimento em que prega a liberdade.

Também passa a filosofar junto com as obras e questionar sobre os porquês da vida e por vezes chateia-se com os mesmos quando atacam “(...) o pensamento burguês e liberal daí em diante: o individualismo (...)” (ARANHA & MARTINS, 1993, p.243), tão arraigado na nossa existência rotineira; Um ponto que Marilena Chauí fomenta em sua obra:

“O ser ou essência da consciência é de ser sempre consciência de, a que Husserl dá nome de intencionalidade. A consciência é um ato intencional e sua essência é a intencionalidade [assim] (...) perceber é o ato intencional da

consciência (...) desta forma (...) pode-se conhecer a essência da percepção (ou da imaginação, da memória, da reflexão, etc)” (CHAUI, 1999, p.237).

Neste sentido, vemos que os narradores de Dicke são personagens usando a memória para fazer durante a “noite” uma auto-análise, a fim de conhecerem melhor o seu “ser”, por consequência nota-se neste momento o que Husserl chama de intencionalidade, conforme expressado acima.

Percebemos também por meio desta citação, que o leitor tem a oportunidade de descobrir muita coisa ao apreciar a literatura, inclusive de se perceber enquanto parte da história que está lendo, e ainda analisar-se por meio das conclusões que tirou da leitura/em meio ou após a mesma, conforme o pensamento que extraiu de seu próprio modo de agir perante os fatos. Com isso, tira-se dúvidas ou não do próprio ser ao usar um pensamento crítico: “Pois a fala do pensamento é escutar. Escutando o pensamento fala. A escuta é a dimensão mais profunda e o modo mais simples de falar.” E “(...) no silêncio, o sentido de ser chega a um dizer sem discurso nem fala(...)” É o tempo originário do sentido”. (HEIDEGGER, 2001, p.15). Nota-se que a literatura de Dicke torna-se ainda mais intensa, na página dezoito de *Último Horizonte*, quando o leitor fica impressionado e assustado tal qual Jerombal Thauutes, ao observar o teor da conversa de Kabira – uma conversa forte cheia de elementos horripilantes, que consegue mexer com o ser do narrador e do leitor; neste momento o autor por meio da narração de Jerombal Thauutes consegue um fato que somente uma obra de renome consegue: provocar no leitor um despertar, também pode ser visível na feição do leitor uma sensação horrível de quem está em choque, com nojo... tudo por causa de uma história que a amiga do narrador – Kabira contou-lhe (na festa dos von Krebs). Assim, podemos visualizar a fisionomia de Jerombal

Thauutes, em silêncio escutando a fala da amiga e concordar com a citação apresentada acima.

Ainda baseado nesse pensamento da citação anterior, vemos que, tanto a personagem quanto o leitor tem a oportunidade de conhecer melhor o seu ser por meio de sua busca, utilizando-se do artifício:

“monólogo interior, que é o recurso muito usado na literatura pós-moderna a caracterização de personagem que vai mais longe na tentativa de expressão da interioridade de si mesmo. O leitor se instala, por assim dizer, no fluir dos “pensamentos” do ser fictício, no fluir de sua consciência”, “(...)o fluir caótico do jorro da consciência das personagens, traduzindo a integridade de cada uma.” (BRAIT, 2000, p. 62).

Desta forma, pode-se dizer que Jerombal Thauutes deixa ocorrer esse fluir caótico em seu pensamento, quando liga o rádio, busca ouvir música, só encontra política; em seu “ser”, imagina que os diretores das rádios teriam algum acordo com as forças do mal. Isto é, nesse romance, o narrador busca um artifício aqui denominado como “música”, algo que trabalha o ser, como é expressado na obra *Último Horizonte* e após não encontrá-la tem um pensamento, que torna-se “(...) um jorro caótico da consciência (...)”.

Pode-se fazer ainda, a mesma indagação de Marilene Felinto, como afirma Beth Brait: “De onde vêm estes seres? dos romances? (BRAIT, 2000, p. 83) apoiado no fato citado anteriormente; então, com base nisto obtêm-se também uma resposta:

“Um personagem começa a existir a partir do que não sou e preciso, com urgência ser; “(...) é tudo o que, em você, eu amo porque não posso ser; tudo o que de você, eu gostaria de ter, tudo o que, em você, eu odeio porque não posso ser, ou porque sou e você me faz ver. É você, enfim, apresentável.

Você e eu resgatados no modelo do que deveria ser. Um personagem é um filho nascendo (de um sonho egoísta?) no canto da sala" (BRAIT, 2000, p.84).

E até mesmo ampliar a compreensão dos "seres de papel" (BARTES) com o pensamento de Antônio Cândido:

"(...)integradas de uma infinidade de predicados, dos quais somente alguns podem ser 'colhidos' e 'retirados' por meio de operações cognoscitivas especiais. (CANDIDO, 1970, p.32)

"Assim a personagem de um romance (...)é sempre uma configuração esquemática, tanto no sentido físico como psíquico, embora formaliter seja projetada como um indivíduo "real, totalmente determinado." (CANDIDO, 1970, p.33)

Visto as afirmações de Beth Brait e de Antonio Candido, voltamos nossa reflexão às afirmações anteriores e haurimos uma conclusão prévia: a literatura nos dá a oportunidade de transcender, na ação, na fala e no monólogo interior, não importando o período literário, nem a época em que se está vivendo.

Pensando desta forma, percebemos um dos pontos chave da literatura contemporânea, ou seja, o que importa entre outros na obra, é o poder que esta exerce sobre o leitor; se consegue 'mexer" com o seu "ser", insuflar suas inquietações pela performance da personagem, como é o caso dos romances de Ricardo Guilherme Dicke.

O ROMANCE CONTEMPORÂNEO

Após a Segunda guerra mundial houve grandes mudanças no Brasil, como é o caso da política que transformou-se muitíssimo; tal qual tem sido explicado atualmente nesse momento de eleições? Presidencial e governamental (2002), em que o direito de voto é concedido também às mulheres e adolescentes maiores de dezesseis anos; direito esse, que um dia só pertenceu aos grandes senhores – donos de engenho (classe dominante). Porém com a luta do povo brasileiro estende-se aos minoritários também.

“ Percebe-se que a política é um ponto forte, influenciadora na idéia do povo e presente na literatura, inclusive criando condições para sua renovação em nosso país; tal qual ocorreu com os períodos literários surgidos ao longo do tempo, até o Modernismo que para alguns escritores divide-se em três fases, sendo que a última delas trata-se do pós-modernismo – período literário em que estão inseridas as duas obras em análise – *Último Horizonte e Cerimônias do Esquecimento* do autor Ricardo Guilherme Dicke. Este período é concomitante ao mandato de Juscelino Kubtscheck como presidente do Brasil entre 1956 e 1960. Essa época proporcionou oportunidades de reformulação de idéias dos romancistas, era uma época de clima democrático, renovador e moderno favoreceu também os cronistas representados aqui por: Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Carlos Drummond de Andrade.

O momento renovador da chamada terceira fase perdura até os nossos dias e tem como linhas gerais; a negação do compromisso com a narrativa referencial, ligada a acontecimentos e à representação realista da realidade.

Ao contrário do “*romance realista*” o “*romance psicológico*”, deixa de lado a sociedade e trata do íntimo da humanidade, analisa suas decisões e indecisões, isto é, das inquietações do ser presentes nas narrativas destacadas neste ensaio monográfico.

Outra característica do romance contemporâneo que ocorre com os narradores Jerombal Thauutes da obra *Último Horizonte* (1986) e Frutuoso Celidônio de *Cerimônias do Esquecimento* (1995) é a influência do espaço exterior, que passa para o segundo plano, dando a oportunidade para o espaço mental. Transparece o psicológico dos narradores, quando os mesmos efetuam a análise do ser – característica dos dois narradores perfazendo assim o romance de cunho introspectivo. Nesse tipo de romance, a linguagem (nova) é percebida por meio dos palavrões proferidos pelos narradores (de ambas as obras em análise); e as idéias dos mesmos passam a transcender, sobre as formas de falar, tal qual ocorre com Jerombal Thauutes, quando preocupa-se com a existência do homem: “Aquilo que fala o idioma da Alma da gente” (DICKE, 1986,p.11). Ainda quanto à narrativa há outro fato que ocorre durante esse tipo de romance, é quando esta deixa de ser: a narrativa de uma aventura para tornar-se a aventura de uma narrativa. Nota-se que isso ocorre nas obras em análise quando o leitor por momentos coloca-se no lugar dos narradores e sente os mesmos medos que estes sentem; pois, no método tradicional vê-se nitidamente, o que ocorre com as personagens principais, e tem-se o controle visível da leitura. Já no romance contemporâneo, a continuidade temporal é abalada, o presente, passado e futuro misturam-se, e é deixado de lado o tempo cronológico. Observando o artifício, o autor consegue ainda com mais ênfase, provocar no leitor as inquietações do narrador criado por ele. E isso é algo que Ricardo Guilherme Dicke, consegue facilmente e muito bem.

Encontramos mais uma característica do romance contemporâneo nas obras em análise, isto é, elas ainda destacam-se como *romance urbano* – que apresenta o conflito do indivíduo diante da sociedade; no decorrer da narrativa percebemos que as duas obras passam-se na cidade de Cuiabá – capital do nosso estado, e podemos visualizar Jerombal Thauutes na festa dos von Krebs; e Frutuoso Celidônio tanto no casamento da filha de seu amigo Anelinho Abas, quanto no bar onde foi com o amigo após o casamento. Baseado em algumas informações de João Domingues Maia, vimos por meio de algumas características da nova forma de escrita, que foram inúmeras as portas abertas para a literatura entre 1956 e 1960.

Entretanto, conforme explica Alfredo Bosi, na obra *Dialética da Colonização* (1999), percebemos que a política dos anos seguintes, principalmente, vieram contribuir para a massificação da literatura – rótulos há tudo o que vemos hoje em dia; desde o elemento – política (nomes de partidos) aos objetos de consumo como bebida (marcas), entre outros. Assim, de acordo com A. Bosi, a literatura poderia ser chamada também de *plus-moderna – marketing* (BOSI, 1999, p.335).

Ainda segundo A. Bosi, a época é propícia para tratar da expressão *anti-moderno*, pois ao que explica, essa expressão diz respeito à preocupação dos ambientalistas, com a natureza e a qualidade de vida expressado: “a revolução mundial do verde, radicaliza-se contra os efeitos da industrialização e suja” (BOSI, 1999, p.335).

A qualidade de vida em sociedade, passa pelo bem estar individual. O sujeito expresso na literatura contemporânea, é um ser inquieto, preocupado e mesmo desnorteado por muitas questões e respostas insatisfatórias. Por esse motivo percebemos que a literatura é uma arma forte na luta por um mundo melhor em todos os sentidos. E segundo Domício Proença Filho em *Estilos de Época*: “(...) nas três

últimas décadas, a cultura brasileira seja na área política, social ou artística(...) (PROENÇA FILHO, 1995, p. 390), procura contemplar este homem que se faz em meio às deambulações das dúvidas e consciente das muitas verdades humanas.

O HOMEM À PROURA DO SER

Com base nas leituras críticas dos romances *Último Horizonte* e *Cerimônias do Esquecimento* do autor Ricardo Guilherme Dicke, podemos observá-los inseridos no pós-modernismo, seja pelo estilo da literatura, pelo poder de expressão dos personagens, suas reflexões da vida, expressas – por meio do monólogo interior, exercido pelos narradores. Assim, vemos que estes tratam-se de dois romances da literatura brasileira atual, não caracterizando-se como *pós-modernos* apenas pelas datas mas, principalmente por apresentar situação sui-gêneris de procura da essência humana.

As personagens escolhidas para serem objetos de estudo desta análise, são os narradores: Jerombal Thauutes, da obra *Último Horizonte*, e Frutuoso Celidônio, da obra *Cerimônias do Esquecimento*. O primeiro narrador é um filósofo e o segundo é um professor de filosofia, despedido da universidade onde trabalhava.

Os cenários utilizados nas obras em análise, são distintos. Na obra *Último Horizonte*, o autor escolhe alguns cenários para comporem a mesma; como: a cozinha da casa de Jerombal Thauutes, os quartos desta mesma casa e até o ambiente da festa dos von Krebs (uma festa especial para o narrador). Porém há um ambiente especial para o narrador: a biblioteca da casa onde este mora, e faz suas reflexões viajando no tempo e na história (principalmente a de sua vida), analisando o seu ser:

“A sala orlada pelas paredes de cima abaixo de livros, chamava essa sala de “a biblioteca”(...)Meia noite... Todos dormindo e ele pensando,(...) Noite profunda flutuando flutuando nas enseadas do Tempo: O Tempo seriam águas?” (DICKE, 1986, p.7).

Entretanto, na obra *Cerimônias do Esquecimento* o autor utiliza como forma de criatividade, três cenários diferentes:

O primeiro é mostrado quando a obra inicia-se, percebe-se que este cenário é a casa do narrador onde ele inicia a narração da história e ainda ao final da obra este é o lugar para onde Frutuoso Celidônio retorna ao final da noite que vive, relatada na narrativa e é em sua casa que o narrador faz a primeira das análises do ser, vemos essa afirmação por meio de um monólogo interior que o narrador faz, observando o fenômeno da natureza “noite” fazendo comparação com a solidão do ser:

“Estás empapado de crepúsculo, por dentro e por fora. Já é noite. As noites sempre nascem dentro dos crepúsculos (...)” Estás sozinho ou o casamento já se acabou? (...) A solidão se aparece com a morte”(...) (DICKE, 1995, p.9).

O segundo cenário é o local da festa de casamento da filha de Anelinho Abas – amigo do narrador:

“as mulheres distribuindo aquela farofa de carne desfiada (...)essas receitas, deve ser coisa antiga, do tempo dos vice-reis (as mulheres) a todo momento entre as filas de cadeira no terreiro ao fundo da casa, no quintal debaixo cadeiras, tanta gente, (...)veio até um deputado, e a eleição está próxima, e a comida nunca se acabava, nem a cerveja.”(DICKE, 1995, p.10).

O terceiro e principal cenário é o:

“(...)bar, Portal do Céu, perto da casa da noiva, segundo o velho – [Anelinho Abas](...)” (p.10)
“(...)Lá pelo oeste, Pascoal Ramos ou Aguassu, nesta solidão às moscas, deste bar abandonado (...)semi-ruído, com sua platimbanda de alpendre torta, tombando devagar, sem nunca acabar de cair de uma vez por todas, com sua luz esverdeada e as

caras borrosas dos que passam misturados à noite?
(DICKE, 1995, p.11).

Na biblioteca Jerombal Thauutes faz suas reflexões observando, também, vários aspectos como é o caso dos móveis, estantes novas, móveis herdados de seu pai (traços do passado) e dos livros, que muitas vezes, torna-se ponto de partida para análise do ser tal qual vimos na citação do primeiro cenário da obra *Cerimônias do Esquecimento*.

Outro ponto em comum, a ser observado é que as histórias das obras, passam-se durante a noite. Entendemos no decorrer da leitura, a utilidade desse artifício “noite” pois é o ponto que provoca nas personagens (e por momento até no próprio leitor) o medo e a reflexão sobre a vida, a morte em meio ao silêncio, proporcionando assim, a sensação de solidão. Essas reflexões são feitas pelo professor de filosofia Frutuoso Celidônio, podem ser percebidas por meio do monólogo interior quando está no bar “Portal do Céu”, velho, sujo, quase caindo. O narrador compara a sujeira do bar com a putrefação do ser, utilizando-se de seu instrumento de trabalho – a filosofia. Isto é, entre outros artifícios, o autor utilizou-se da ciência questionadora das coisas e da realidade – ciência que estuda os princípios e causas das coisas (como afirma Ruth Rocha em seu dicionário, p.238), podemos encontrar o uso da filosofia dentre outros, nos seguintes trechos:

(...) Serão os espíritos superiores, Bethoven, Eurípedes, Goethe, Aristóteles? (DICKE, 1995, p.145).

“De onde viemos, onde estamos e onde vamos?”
(DICKE, 1995, p.144)

A filosofia diz que o uno juntamente com a Beleza e o Bem e a verdade é um dos transcendentais do ser(...)”(DICKE, 1995, p.135).

Com isso, a cada reflexão dos narradores nota-se que tanto Jerombal Thauutes (*Último Horizonte*), quanto Frutuoso Celidônio (*Cerimônias do Esquecimento*) são homens comuns, passíveis de erros e acertos com seus momentos de coragem e de medo, pois deixam transparecer através de seu psíquico e de suas inquietações, ao filosofar: a inconstância de seus posicionamentos.

Observa-se ainda, as personagens em destaque como homens quaisquer, aliás, (observando-os como seres “individuais”) como o homem ideal, baseado no existencialismo, pois para Martin Heidegger, este é o homem que reflete sobre si mesmo, isto é, “enquanto ser” por isso percebemos os narradores, como um ser individual em meio ao coletivo buscando a sobrevivência com todas as forças, colocando-se como homem à procura do ser (por isso é ideal) com suas inseguranças como se vê na fala de Jerombal Thauutes:

“(...)ser ou não ser, murmurei(...)” (DICKE, 1986, p. 21).

Nessas buscas temos que concordar com o seguinte pensamento: “O homem é um ser psicológico e, como tal percebe o mundo. Reage emocionalmente a ele e elabora as próprias vivências.”(ARANHA e MARTINS, 1993).

Adotando o movimento literário Pós-modernista, verificamos que as inquietações de Jerombal Thauutes, *Último Horizonte*, em meio à noite angustiante que vive, na busca por fugir dos pensamentos e do mal que o ronda, demonstra o medo da personagem em fazer um exame interior e talvez chegar a um resultado inesperado ou indesejado ao colocar-se enquanto homem, de dominar seus desejos carnis, principalmente diante de sua família que descansa enquanto ele está acordado em meio as fadigas de suas inquietações, chegando enfim, a submeter-se a uma reflexão sobre o destino e os atos do ser humano na vida. Dessa forma, temos:

“O caminho que leva ao ser – pensa Heidegger – passa pelo homem, na medida em que este está sozinho para interrogar-se sobre si mesmo, colocar-se em questão e refletir sobre seu próprio ser (CHAUÍ, 2000, p.7).

Há outras semelhanças que podemos apontar entre as duas personagens, tais como o corvo, que vive a dizer “nunca mais”, a putrefação interior, a angústia, a busca pela fuga, entre outras que podem ser encontrados e explorados no decorrer desse trabalho monográfico. Ricardo Guilherme Dicke trabalha os itens anteriores, fornecendo características às duas personagens em análise, tal qual a asseveração de Antonio Candido:

“O valor estético suspende o peso real dos outros valores (...) A isso corresponde o peso real dos outros valores (...) A isso corresponde o fenômeno de que o prazer estético integra no seu âmbito o sofrimento e a risada, o ódio e a simpatia, a repugnância e a ternura, a aprovação como o apreciador reage ao contemplar e participar dos eventos”. (CANDIDO, 1968, p.47)

Desta forma entende-se que os elementos estéticos, delineiam as duas obras em análise, e provocam a emoção no leitor como pode ser experimentado na ficção por alguém que se propõe executar uma leitura crítica, viva no sentido de interferir em sua postura. Baseados na afirmativa de Antonio Candido, chegamos à convicção de que nas obras em estudo, um elemento estético apresenta-se lado a lado com outro: “o medo e a morte” dando espaço para um outro elemento: “a angústia”. Assim, o medo que ambas as personagens sofrem, é caracterizado como o “medo da morte”, pois tanto o filósofo Jerombal Thauutes quanto Frutuoso Celidônio o professor de filosofia, tem certeza de que a noite angustiante de cada um, como é

uma “noite interminável”, é para cada narrador a última de suas vidas, como podemos comprovar a seguir:

“esta é minha última noite” (DICKE, 1986, p.55).

“(...)hoje é o centenário do grande poeta Jerombal Thauutes que morreu numa noite como hoje no ano de 1986: eu morri? (...)a locutora com voz macia diz que morri em 1986, no dia de hoje(...)”(p.35).

“(...)o homem conta só consigo mesmo (...)e com mais ninguém (...)só tem o desejo pela fuga, (...)que seja a morte (...)como um castigo do destino?” (DICKE, 1995, p.238).

Ao deparar-se com esse ponto, o leitor fica atônito, observando o monólogo interior de cada narrador, e por meio destes; analisa o seu próprio ser, espreitando-se, busca conhecer-se melhor, procurando corrigir-se no sentido em prol da melhoria individual, ou até mesmo querendo deter o medo, o trauma, a angústia só de pensar na palavra “morte”, por exemplo. Se esse momento e atitude por parte do leitor ocorrer durante a leitura, o autor pode-se considerar realizado, com base na afirmação de Beth Brait nas palavras de Doc Comparato: “Trata-se de um jogo entre o papel ou o compensador; não importa. A emoção está no imprevisível”. (BRAIT, 2000, p.73). Assim, acreditamos ser este um dos principais motivos que levaram o autor Ricardo Guilherme Dicke a ganhar alguns prêmios por suas obras inclusive ser um dos cinco maiores escritores da atualidade, merecendo uma introdução da obra *Último Horizonte* escrita por Dante Martins de Oliveira, governador de Mato Grosso. Também recebeu comentários positivos de críticos de renome, como Léo Gilson Ribeiro, bem como pôde ser apreciado pelo próprio João Guimarães Rosa, que dispensou elogios ao autor mato-grossense cujas obras estão em análise: “Dicke possui uma força vocabular vulcânica”.

Prosseguindo nossa leitura crítica de *Último Horizonte e Cerimônias do Esquecimento*, estas oferecem-nos mais um ponto em comum entre si: como a situação sócio-econômica dos narradores: Frutuoso Celidônio e Jerombal Thauutes; o primeiro era um homem reconhecido na sociedade por ser professor universitário, apesar de desempregado, de família pobre e dono de um carro, que transportou a filha de Anelinho Abas:

“Vieram da igreja, foste padrinho da noiva, eles são meio parentes teus, dizem, acharam que tu eras o homem certo, um professor da universidade, não foste procurar nenhum outro. Por que, porém? – indagas meio desconfiado, mas logo esqueces, és um professor despedido(...) De carro para a casa do pai da noiva.” (DICKE, 1995, p.9)

Entretanto, Jerombal Thauutes é apresentado como filósofo (e não só como professor), casado com uma mulher três anos mais velha que ele, de família nobre e que freqüentava festas da alta sociedade: “lembro-me da festa dos von Krebs (...) nisso Margot sobrinha, de minha mulher, que era a mãe da menina aniversariante”. (DICKE, 1986, p.9), festa realizada em volta de uma piscina. Apesar de freqüentarem grandes festas, Jerombal Thauutes e sua família que nunca haviam passado necessidades financeiras, começam a conhecer um pouco a realidade que Frutuoso Celidônio já dominava:

“(...) estantes novas não foram muito baratas, não fazia um ano que as pagara, coisa que desequilibrara o orçamento doméstico e que o faz pela primeira vez pensar seriamente em que se estava numa crise em que o dinheiro não valia mais nada e que era preciso fazer alguma coisa, mas nem ele nem ninguém sabia o que.” (DICKE, 1986, p.7)

Nota-se por meio dessas citações, um pouco mais das inquietações “do ser” dos narradores, ou seja, a preocupação deles, enquanto chefes de família, homens vindo de uma tradição, da qual o homem é o responsável por sustentar e zelar da família, naquilo que for necessário até mesmo como forma de juramento, pacto ou acordo, ao unir-se à esposa. Deste modo, inferimos que ao cumprir sua palavra, este é respeitado na sociedade como homem digno, honrado e realizado, assim ele sente orgulho de si mesmo; mas, esta suposta “realização” é estampada nas personagens no momento de sua procura (buscas ao refletir), anseios por se conhecer, enquanto seres autênticos, conforme a expressão de Heidegger: “Pensar o sentido de ser é escutar a realidade nos vórtices das realizações, deixando-se dizer para si mesmo o que é digno de ser pensado como o outro”. (HEIDEGGER, 2000, p.15).

Apesar de serem casados e estarem em situação financeira difícil, os narradores, talvez como forma de extravasar, buscam situações que os façam fugir da realidade (causada pela crise financeira) buscam outros atrativos, como é o caso do próprio Jerombal Thauutes que está sozinho em sua biblioteca em meio à noite e viaja no tempo de seu pensamento até a festa dos von Krebs, onde, até então, sentia-se só na cidade em que vive também seu criador Ricardo Guilherme Dicke (Cuiabá), mas ao encontrar Kabira “(...)uma moça de seus trinta anos (dezessete anos mais nova que ele) doutora em Física e Matemática, poeta com dois livros publicados em São Paulo(...)” (DICKE, 1986, p.9) Jerombal fica encantado com a mesma, tanto que continua falando das características da moça; percebemos que através dessa afirmação, o filósofo tenta mostrar que mesmo sendo casado e estar encantado com Kabira, contradiz-se com a expressão “desde sempre”: “(...)nunca a havia visto e desde sempre: cabelos longos pretos, morena, alta, magra, vestida esportivamente bebia sem parar e creio que estava muito bêbada, mas a bebida não lhe fazia mal, ao

contrário, fazia sua conversa encantadora(...)” (DICKE, 1986, p.9) a seguir mostra-se interessado pela moça, e em pensamento tenta-se colocar lado a lado com a mesma, tal qual um adolescente apaixonado, pensando que todas as coincidências servem como pretexto para dizer que houve o encontro com a paixão e foi tomado por ela: “(...) conversa com a doutora em Física e Matemática mas ambos eram poetas e nisso convinham em tudo (...)” (DICKE, 1986, p.9); interpretamos esta mesma citação como o narrador descrevendo Kabira Asthartes Flox enquanto musa ao falar de suas qualidades colocando-se em igualdade a ela, apenas enquanto poeta, pois as outras profissões que a moça possui e ele não, Jerombal a coloca como superiora, visto por meio das letras maiúsculas das profissões: “Doutora em Física e Matemática”.

Porém o filósofo é casado e talvez, além do medo da morte, este seja um outro motivo pelo qual o mesmo afirma: “(...)hoje estou muito triste e tudo o que é bom nos chega de muito longe, por que será?” (DICKE, 1986, p.10). Assim, entende-se dois fatores relacionados à distância que Jerombal Thauutes cita, a distância imagística – da paixão entre ele e Kabira, mas entende que é só dele, baseado no monólogo interior que o narrador faz na obra ; e o outro fator – é o próprio tempo, pois a conversa entre ele e Kabira ocorreu há tanto tempo que ele já perdeu de vista: “penso na festa dos von Krebs: que dia foi mesmo?” (DICKE, 1986, p.8) porém, na sua imaginação esse tempo (neste momento representado pela conversa entre eles) continua tão vivo, que ele permanece encantado por Kabira, como da primeira vez que a viu na festa dos von Krebs, conforme o trecho: “Tudo o que amamos infinitamente nos vem do Infinitamente Distante, do Perdido nas brumas do Tempo e do Espaço...” (DICKE, 1986, p.10) e tem sede por saber, se algum dia reencontrar-se-á com sua musa: “(...) a que será que se destina? O segredo arde em nós, nos embraseia ao vivo, nos incandesce em luminescências em nosso coração aceso ao

rubro no fogo e no assombro perdidamente, e de nada sabemos(...)" (DICKE, 1986, p.11). Assim, o narrador ao invés de extravasar, angustia-se mais ainda notamos isso quando o autor coloca as palavras a seguir iniciadas por letras maiúsculas: "(...)Infinitamente Distante", observamos que a dor de Jerombal Thauutes é imensa primeiro por causa da distância que há entre ele e Kabira, vemos como ele sente-se sem poder viver esta paixão: "(...)Perdido nas brumas do Tempo e do Espaço", ou seja, sem Kabira o narrador sofre, sente-se tão solitário, que não sabe o que fazer, vê-se "Perdido nas brumas", sem poder enxergar a vida com nitidez tal qual estivesse em meio à neblina sentindo frio, sem o calor da paixão que sente por Kabira, sem ter noção do "Tempo" e do "Espaço", que vive em pensamento lembrando-se de sua musa.

Acreditamos também que o professor de filosofia, Frutuoso Celidônio busca fugir da realidade e com pretexto de acalantar o coração de um pai com olhos em lágrimas, vai com ele a um bar do bairro Pascoal Ramos que é também um prostíbulo, encontrar várias personagens e com eles procura alegrar-se ao som das rabecas tocadas pelos cegos Manuéis. Também com as cantorias dos mesmos, assiste um show realizado por Rosaura – a dona do bar, ouve seu discurso, fica assustado e caem em análise do ser durante a noite, questionando o que pode ter havido no dia do casamento, se era verdade, ou não: "Celidônio pensa: deve ser verdade que tenha havido aquele casamento onde se distribuía carne esfiapada e outros manjares." (DICKE, 1995, p. 181). E tem a certeza do que aconteceu: "Não é mentira, nem engano. É verdade."(DICKE, 1995, p.181). A cada história nas enseadas da noite "(...)Frutuoso Celidônio olha atentamente e segue tudo sem perder nada de sua mesa na ponta do bar, ao mesmo tempo que vai se desenrolando em sua memória(...)" (DICKE, 1995, p.134). Porém ao contrário de Jerombal, Frutuoso Celidônio não está

apaixonado por ninguém, pelo menos ao que percebemos, entendemos que este quer apenas apreciar a noite ouvindo músicas da cultura mato-grossense, cantadas pelos cegos – Manuéis.

A religiosidade também é trabalhada nas obras de Ricardo Guilherme Dicke. Em *Cerimônias do Esquecimento*, encontramos na cantoria dos cegos Manuéis a tradição católica entre outras: “O primeiro cego ajeita mais uma vez o violão e prossegue dando continuidade ao desafio “(...)É apenas o Apocalipse de São João(...) / na festa de São Benedito um bêbado se matará / e um boi com cara de gente na praça virá dançar(...)” (DICKE, 1995, p.135).

Pode-se perceber que o êxtase causado pela bebida é algo presente nas duas obras: “__ Então virão comigo, agora, João Quatrutz, traz bebida para todos.” “Isabel, a dos olhos extasiados, embrumados e bovinos(...) e todos bebem abundantemente, bebem, bebem(...)” (DICKE, 1995, p.136). Essa cena acontece no bar após o narrador já ter participado do casamento onde tinha “(...)Cervejas, pinga. Fora algum whisky(...)” (DICKE, 1995, p.9) lembrando assim, a palavra vinho que tem sua garrafa tampada por uma cortiça.

Na festa dos von Krebs não era diferente:

“(...)uns quatro rapagões meio desvestidos apesar do frio, quem bebe não sente frio(...)”o mais velho(...) bebendo cerveja sem parar entre eles, eu não fumava nem bebia(...) eu não sei quem bêbado contava histórias fesceninas e feais e todo mundo se danava de rir cacarejando sem parar entre descargas de tosse e ritmos de cerveja que descia por entre bigodões marrons garganta abaixo(...)” a doutora poeta “(...) bebia sem parar e creio que estava muito bêbada(...)” (DICKE, 1986, p.8)

Entretanto, em meio a tantas pessoas embriagadas o narrador, como qualquer outra pessoa que fica bêbada e depois fala que não estava nesta condição, afirma:

“(...)ela bebendo, eu sóbrio(...)”(DICKE, 1986, p. 8 e 9); mesmo Kabira estando bêbada, Jerombal a admira e continua encantado com ela, esse é um dos traços do pós-modernismo:

“(...)o impulso e o prazer são reais e firmadores da vida; o resto é neurose e morte’. A paixão sobrepõe à razão. Como pano de fundo, Freud e a visão niilista de Nietzsche.” (PROENÇA FILHO, 1995, p.366).

O autor utiliza-se de outro recurso, muito comum na literatura atual, algo presente no dia a dia da humanidade colocado como pretexto de reflexão, criticidade da existência – os pecados capitais, que podem ser encontrados em *Cerimônias do Esquecimento*, nos seguintes trechos desta obra: a **preguiça** “(...)tudo está tão longe que retumba, enquanto aqui, estou aqui, agora, está mais próximo e bom.” (DICKE, 1995, p.181) nota-se a falta de ânimo nesta fala, que é totalmente pausada, falada entre vírgulas, tal qual, consegue por um instante, deixar o leitor um pouco sonolento. A **ira**: “(...)suas fundações de cólera(...)” (DICKE, 1995, p. 241) a ira nessa expressão é forte, como pode ser percebido não é superficial, vem do ser (da raiz de cada indivíduo). A **avareza**: “(...)sai uma senhora vestida de uma beleza magnífica elegância exótica, realçada(...)” (DICKE, 1995, 241), a beleza apresentada nesta parte é mostrada de forma contrária à beleza do início da obra, da gente simples de beleza natural, aqui a beleza é notada com **“orgulho”** outro pecado capital: “(...)com nariz empinado(...)” (DICKE, 1995, 241), mas a **“inveja”** aparece em seguida: “O Catrumano observa e murmura(...) amaldiçoados sejam(...)”(DICKE, 1995, p.241). A **“gula”** também integra o cenário desta obra: “Tanto que bebeste, tanto, tanto, tanto, tonéis e tonéis(...)”(DICKE, 1995, p.281) entende-se que por vezes essa é uma das atitudes tomadas por algumas pessoas com o fim de aliviar a

tristeza do ser, como é o caso do velho Anelinho Abas, amigo do narrador Frutuoso Celidônio. E o último desses pecados capitais, é a “**luxúria**” expressa primeiramente nesta obra, por Rosaura e seu discurso: “(...)sou uma simples puta.”(DICKE, 1995, p.67).

Para ressaltar esses pontos importantes no período pós-moderno, que neste momento pode ser reforçado pela reflexão causada pelos “pecados capitais”, este fator mostra de forma clara traços desse movimento – quando caem todas as barreiras, convenções, tradições, as ironias abundam e ainda há a luta pelo respeito às diferenças. Como prova desse pensamento pós-moderno, encontramos uma citação, também na obra *Último Horizonte*: “(...)uma verdade, é esta vontade de mergulhar o ferro ardente na carne do teu semelhante sem motivo nenhum e não fazem todos os dias, todas as noites, em todas as horas, os poderosos deste mundo, por acaso?”(DICKE, 1986, p.17). Com essa citação entendemos claramente, que o escritor Ricardo Guilherme Dicke, luta pela igualdade entre todos, (os homens desse mundo capitalista) fator responsável também na obra *Último Horizonte*, a começar pela avareza comprovada pela própria citação anterior, reforçando os traços do pós-modernismo:

“(...)pena que o tempo seja madrasto(...) comprei tudo o que o dinheiro pode comprar, sou dono de quase tudo, nesta cidade, e eles, ingratos ainda saem dizendo por aí que esse dinheiro é dinheiro do povo, mas que povo? Existe povo, por acaso? (...) eu sou o poder que paira sobre essa cidade(...)” (DICKE, 1986, p. 124)

Na seqüência encontramos outros pecados capitais: a “**luxúria**”: “(...)te contorces, presa da luxúria(...)” (DICKE, 1986, p.122), o “**orgulho**” aparece na

citação a seguir com toda força: “(...)somos o que por acaso? Auto suficientes, cheios de talento(...)”(DICKE, 1986, p.134); ainda são encontrados numa mesma página outros pecados capitais: “(...)A indigência da inveja(...)”, seguida pela “preguiça” “(...)utilizam dos artistas, como parasitas(...)” a ira : “(...)artistas são apenas lodo e verniz lantejoulinhas(...)” (DICKE, 1986, p.137) e a “gula” já marcada pela bebedeira de Kabira : “bebia sem parar(...)” (DICKE, 1986, p. 9). Notamos que os pecados capitais presentes nas obras, servem para a inquietação do “ser” nas personagens das duas obras em análise, inclusive nos narradores.

Em meio à noite, ambos os narradores citam a solidão que ronda o oculto de seu “ser”; Jerombal Thauutes e Frutuoso Celidônio, compartilham esta sensação, ambos tem como companheiros alguns animais. Assim, entram em cena os animais da obra mais antiga – *Ultimo Horizonte*:

O gato Tebas era companheiro de Jerombal em meio a solidão que causava a angústia de seu “ser”, e este era como um amigo e confessor:

“De repente entrou o gato que se chamava Tebas(...)antigo companheiro de minha solidão(...)” (DICKE, 1986, p.23)
 “(...)acaricie o gato , ele me olhou sorrateiramente vindo também de suas viagens(...)ele parecia sorrir(...) (DICKE, 1986, p.37)
 (...) olhei em volta , o gato dormia , o tigre de bengala dorme dentro dele(...)” (DICKE, 1986, p.41)

Na descrição do segundo animal, o autor utiliza-se da literatura fantástica e em pensamento, o narrador transforma-se em serpente, vai até o quarto onde dorme sua filha e a Abuela, passa perto do corpo da avó (que dorme) e em seguida volta a ser homem:

“(...)fiquei murmurando, serpente, serpente, serpente, a cabeça triangular, a boca em forma de vê, a língua bífida, os dois dentes onde se ocultavam o veneno e a morte(...)enigma absoluto(...)passei ao quarto mais próximo, ali uma mulher dormia(...)subi pelo pé da cama, andei por entre os lençóis(...)passei perto de suas pernas ressequidas, cheguei junto ao seu pescoço, olhava-o hipnotizado, como fazem as serpentes quando fitam os passarinhos, arrastei-me pela garganta(...)não pensava em nada(...)desci pela cama às pressas pela cama, pelos pés, corri perto pelo assoalho frio e entrei na biblioteca, subi a cadeira de alto espaldar, aninhei-me(...)vi-me em braços e pernas e rosto sentado, um ser como eles. (DICKE, 1986, p.40)

Por fim, o terceiro animal que aparece em *Último Horizonte* é o corvo que vive a dizer: “nunca mais”: “o corvo permanece, tudo é putrefação quando (...)meus adentros estremeceram(...)” (DICKE, 1986, p.37), tal qual no poema “O Corvo” de Edgar Allan Poe (que também utiliza-se da literatura fantástica), este animal causa angústia no “ser” das personagens pois, segundo a lenda, quando uma pessoa morre, o corvo leva sua alma embora, mas às vezes o corvo traz essa alma de volta, é como a pessoa que não consegue fugir da própria interioridade, seus dilemas ficam latentes não podendo fugir dos problemas insolúveis, por vezes adiado, mas que permanecem. E como é mostrado na obra, o narrador Jerombal Thauutes acredita em destino, em reencarnação e tem muito medo da morte, compreende-se que este, tenha medo também da “figura” do corvo que é relatada e que é responsável por boa parte da angústia de Jerombal Thauutes.

No romance *Cerimônias do Esquecimento* também são citados alguns animais, porém, entre eles há um que merece ser interpretado neste trabalho: a coruja, um animal símbolo de sabedoria – se olhado cientificamente, e ao mesmo tempo símbolo de mal agouro, algo até sobrenatural, pois trata-se de um animal noturno e talvez por isso, cause tanto medo nas pessoas cujo pensamento está voltado

para o senso comum. Nesta obra, o escritor Ricardo Guilherme Dicke trabalha esse elemento com três funções: “pia, canta e ri” (DICKE, 1995, p. 81) porém entre elas, ainda há distinção: “coruja matutina” (DICKE, 1995, p.219), “coruja vespertina” (DICKE, 1995, p. 217) e “coruja noturna” a mais comentada na obra: “(...)nos serões do Solar do Arraial das Corujas”. (DICKE, 1995, p.189).

Como sabemos todo animal seja racional ou irracional tem três fases na vida: infância (fase inicial do existir), fase adulta (ocorre quando o ser já sabe cuidar-se sozinho) e a velhice (fase final da vida). Assim, acreditamos poder comparar os seis adjetivos citados acima (usados na fase da vida da coruja) com as fases da vida de uma pessoa; ou seja, quando é citado que a coruja pia, podemos dizer que essa é a coruja matutina, e ainda que essa é a fase de uma ave jovem quando esta só tem como mecanismo de defesa o seu “piar”, e ainda necessita dos cuidados da mãe; assim, ela pode ser comparada com um ser humano na infância que só tem como mecanismo de defesa o “choro” e conseqüentemente ser protegido pela mãe. Já a coruja vespertina que canta é uma coruja forte, adulta, que sabe defender-se sozinha, igual ao homem quando chega à fase adulta. Desta forma pode-se complementar, dizendo que a pessoa quando alcança a maioridade é considerada símbolo de força e beleza pois está no auge da virilidade e ainda, já sabe defender-se na sociedade; por esse motivo a pessoa nessa fase pode ser comparada com a coruja vespertina que “canta”. Por fim a coruja só alcança a felicidade e sabedoria total quando chega a noite e passa a desvendar e conhecer os mistérios que esse elemento natural apresenta, tal qual os mistérios, que atinge a terceira idade e é considerada sabedora no meio em que vive, passando o indivíduo a ser respeitado, ou pelo menos deveria, pois alcançou a sabedoria, porém essa situação não é aceita de braços abertos por todos os homens, como veremos a seguir.

Fazendo junção das obras pode-se dizer que o autor as trabalhou deixando laços entre elas que podem ser amarrados como é o caso desse e dos outros exemplos demonstrados anteriormente. Assim, interpretamos as três idades das três mulheres da casa de Jerombal Thauutes: primeiro a infância de sua filha (sete anos), em segundo lugar a idade de sua esposa (cinquenta anos) e em terceiro a idade de sua sogra (Abuela de – setenta anos). Isto é, com isso podemos entender que a vida divide-se em três tempos e Jerombal Thauutes estava próximo de entrar na terceira idade (idade da sabedoria) desta forma conclui que a morte estava próxima, então entra em desespero e liga para três lugares diferentes para saber o tarô do dia e ouve três vozes: “(...)aqui é a morte, que desejas? (...)Aqui é a voz do amor(...) Aqui é a imortalidade(...) estava sem chão(...) que faria eu nesta noite imensa?” (DICKE, 1986, p.107). Mas, acalma-se um pouco quando vai até os quartos e observa que o sono das três mulheres da casa está tranquilo em harmonia, até mesmo o sono da Abuela (sono da sabedoria) que no começo da obra estava perturbado.

Por fim, há um último ponto a ser trabalhado – a questão de como os narradores situam-se no tempo para saber a hora que estavam vivendo e o que aquela hora poderia significar naquele momento da vida dos narradores – personagens tão assustados, tentando adivinhar o que poderia acontecer em suas vidas por meio de três elementos: a **lua** elemento natural que tanto Jerombal Thauutes olha através da varanda de sua casa quanto Frutuoso Celidônio, também a observa de uma varanda – do “Bar Portal do Céu”. Outro elemento era o **rádio** que o primeiro narrador ouvia à procura de música e não encontrou; ao deparar-se apenas com notícias de política, ficou perturbado, angustiado e furioso por não ter encontrado o que gostava de ouvir. Na obra *Cerimônias do Esquecimento* o rádio aparece quebrado: “O rádio se quebrou...” (DICKE, 1995, p.161).

Mediante o último item analisado: o **relógio** do Abuelo que em *Último Horizonte* só ficava parado, parece ser o mesmo relógio que na obra *Cerimônias do Esquecimento*, pois têm as mesmas características: “(...)mete a mão no bolso do colete(...) tira um relógio magnífico, antigo e fino, em ouro, com brasões de famílias(...)” (DICKE, 1995, p.153).

Nas enseadas do tempo, “as noites” de ambas as obras demoram uma infinidade para acabarem e ao final dos romances, percebemos uma característica do autor, pois Ricardo Guilherme Dicke na voz dos dois narradores, avisa que a noite está acabando, percebemos que esta característica é apresentada nas obras conforme as mesmas vão chegando ao seu final, juntamente com o fato de revelar o nome dos romances em que estão inseridos. É como se o próprio leitor visse com os narradores o romper da aurora e até mesmo organizasse com Jerombal Thauutes os livros (e outros objetos tirados do lugar durante a noite) em seu devido lugar ou pegasse uma carona no jipe de Frutuoso Celidônio, ao levar o velho Anelinho Abas (que está bêbado) para casa..

Dessa forma, nossa leitura crítica dos romances mato-grossenses proporciona um encontro com uma inquietude do ser tal qual os narradores Jerombal Thauutes e Frutuoso Celidônio que almejavam ver a noite terminar com êxito e tranquilidade, chegando a denominadores como: “Creio que esse é o filme da metáfora da criação(...)” (DICKE, 1986, p. 135). “Ele é o infinito: esse o êxtase. O segredo está no ritmo: é saber o momento exato de parar” (DICKE, 1995, p. 288).

Entretanto, os textos em análise podem ser comparados não só pelas semelhanças, mas também por algumas diferenças já vistas no decorrer do texto, sem serem expressadas como tais: vimos que Jerombal Thauutes de *Último Horizonte* encontra-se sozinho na biblioteca de sua casa. Já Frutuoso Celidônio de *Cerimônias*

do *Esquecimento* na maioria do tempo aparece rodeado de pessoas, tanto no casamento para o qual foi convidado para padrinho e no bar Portal do Céu (no bairro Pascoal Ramos em Cuiabá). Na obra *Último Horizonte* observamos que o narrador Jerombal Thauutes relata uma festa que participou porém, ao que pode-se perceber, ele só foi convidado porque sua esposa é tia da aniversariante; ao contrário do outro narrador – Frutuoso Celidônio que foi considerado padrinho ilustre, como nota-se quando este afirma, foi o motorista da noiva, filha de seu amigo.

Outra diferença está relacionada ao tipo de literatura que os narradores buscam ter conhecimento: Jerombal Thauutes lê várias obras durante a noite, entre elas encontramos o relato de escritores consagrados como é o caso de Shakespeare, Victor Hugo e o próprio Heidegger. E Frutuoso Celidônio busca a literatura popular expressada na arte de cantar, como a dos cegos Manuéis.

Percebemos ainda, outra diferença profunda entre os narradores como Jerombal Thauutes que sente uma paixão secreta por Kabira – uma jovem doutora em física e matemática; apesar de ser casado. Entretanto Frutuoso Celidônio ao que percebe-se através de sua narração, não tem nenhuma paixão, e na obra aparece sempre rodeado de amigos no bar Portal do Céu.

Por fim, podemos falar de outra diferença: quando Jerombal Thauutes narra a festa que participou, ele confessa que sentiu-se sozinho, por não conhecer ninguém que tivesse conversas que lhe agradasse, então, conheceu Kabira e manteve conversação tranqüila saindo assim, por um momento, da solidão que sentia, ao contrário de Frutuoso Celidônio que fez amigos no bar do bairro Pascoal Ramos e depois ao observar-se enquanto ser autêntico é que veio a sentir-se só em meio a multidão.

Como vimos, Ricardo Guilherme Dicke é um autor que faz uso de recursos técnicos, baseado no estilo literário pós-moderno tais como: análise psicológica, o monólogo interior, a introspecção da paixão (como Jerombal Thauutes) e o movimento da alma. Durante a noite existente nas duas obras, utilizada pelos narradores, ela serve de pretexto para ambos analisarem a angústia que sentem da vida, por causa do medo do isolamento e da morte. Assim, pelo exposto, de acordo com o pensamento acima, Dicke mostra-nos mediante apresentação da existência de suas personagens, a apreensão do ser, por saber que é parte integrante da vida, porém se reconhece como ser inautêntico, procurando uma saída, uma claridade, o encontro de si mesmo para depois voltar e observar-se também no convívio em grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras *Último Horizonte* (1986) e *Cerimônias do Esquecimento* (1995) ambas do escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke são narrativas que retratam a angústia do ser de dois narradores: Jerombal Thauutes e Celidônio Frutuoso, personagens enfrentando a angústia causada pelo medo da vida, do isolamento e principalmente cercados pelo medo da morte. O elemento estético “noite” provoca nos narradores a reflexão sobre seu “ser”, conclusão que chegamos ao usarmos como apoio teórico, a filosofia existencialista de Martin Heidegger. Dicke consegue expôr em suas obras, raízes e a cultura mato-grossense, porém, apresentando o homem no seu angustiante processo de existir, num sentido universal.

Nesse trabalho monográfico, procuramos explorar a questão do tempo psicológico, fundamental na literatura pós-moderna. Esse tempo, o autor busca trabalhar junto ao “ser” dos narradores que é explorado em alguns casos com maior intensidade, outros momentos, é necessário uma reflexão mais detida dos sentimentos, pensamentos e/ou emoções dos personagens a fim de alcançar respostas possíveis ou chegar muitas vezes a um impasse, fato comum na literatura atual.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Maquiavel: A lógica da força*. São Paulo: Moderna, 1993

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena. *O existencialismo*. In. *Filosofando – Introdução à filosofia*, 1993

BOAVENTURA, Edvaldo. *Como Ordenar as idéias*. 8ª ed., São Paulo: Ática, 2000

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª ed., 1999

BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo: Ática, 2000

CANDIDO, Antonio. Et alli. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970

CHAUÍ, Marilena. *A metafísica – A ontologia contemporânea*. cap. 4. In *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1996, p. 235-244

COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de literatura brasileira / Oficina*. Rio de Janeiro: FAE, 1989, vol. I

DICKE, Ricardo Guilherme. *O Último Horizonte*. Cuiabá: Marco Zero, 1988

_____. *Cerimônias do Esquecimento*. Cuiabá: UFMT, 1995

FILHO, Domicio Proença. *Estilos de época na literatura*. 15ª ed. São Paulo: Ática, 1995

HEIDEGGER, Martin. *Conferências escritas filosóficas*. Tradução Ernildo Setein. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999

_____. *Ser e Tempo*. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2001, vol. I

MATOS, Olgária C. F. . *Filosofia a polifonia da razão: filosofia e educação / Olgária Matos*. – São Paulo: Scipione, 1997

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Encyclopedia Britannica do Brasil Publicações, 1998, vol. VI, VII, X, XI, XIII e XIV

ROCHA, Ruth. *Minidicionário Ruth Rocha*. São Paulo: Scipione, 1996